

Gesto de Confiança

Aos analistas que insistem em fazer pouco dos fundamentos da economia brasileira e que não aceitam a estabilidade como conquista definitiva, o Banco Central mandou um recado vigoroso quando anunciou novo corte de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros. As carpideiras de plantão davam como favas contadas que o Comitê de Política Monetária (Copom) não mexeria na taxa Selic, pois o momento se mostrava inadequado. Os fatores contrários à nova baixa eram citados com sofreguidão: preço do petróleo em alta, incertezas nos Estados Unidos e aumento sazonal dos preços dos alimentos atingidos pelas geadas. Diante desses argumentos aparentemente irrefutáveis, quem especula com juros não tinha motivos para se retrair. O custo básico do dinheiro permaneceria no nível de 17% ao ano.

A interpretação da conjuntura pelo Banco Central é diametralmente oposta. Seu corpo técnico mostra-se otimista com a demonstração de confiança nos rumos da economia nacional. "O Copom decidiu alterar a meta da taxa Selic de 17% para 16,5% em função da revisão para baixo na expectativa de inflação para este ano e para o ano que vem", explicou o diretor de Política Monetária do BC, Luiz Fernando Figueiredo. Entendem as autoridades monetárias que, apesar da excitação de curto prazo, os preços estão sob controle e a economia vai muito bem, obrigado.

O Banco Central reconhece o répique provocado pelo aumento dos combustíveis e pelos efeitos da geada, mas adverte que nada disso vai afetar o núcleo da inflação (*core in-*

flation). São fatores passageiros, e o que importa é a tendência de baixa confirmada para médio e longo prazos. Acautelem-se, portanto, os personagens refratários às mudanças de fundo na economia. Correm o risco de pagar caro pela imprudência de torcer contra no mercado financeiro ou de aumentar preços por qualquer motivo. A queda dos juros corresponde a um anseio de toda a sociedade e também é sabido que o orçamento doméstico da grande maioria dos brasileiros não comporta despesas extras.

Quanto ao fator internacional de incerteza, deve-se dar ouvidos às vozes que de fato têm peso. Ao expor seu informe semestral à Comissão Bancária do Senado americano, o presidente do Federal Reserve (Fed), Alan Greenspan, afirmou que a expansão da economia dos Estados Unidos finalmente começou a perder fôlego. Entre os fatores de esfriamento, destacou a alta das taxas de juros, os preços do petróleo e a instabilidade das bolsas de valores. Satisfeito com o ritmo atual, Greenspan avisou que o Fed continuará "vigilante" com relação à inflação e previu que o crescimento do PIB este ano ficará entre 4% e 5%, próximo aos 4,2% de 1999.

O relato do presidente do Fed foi tranquiilizador, bateu de frente com os prognósticos sombrios e, no que diz respeito ao Brasil, veio confirmar o acerto da política do Banco Central. O Copom acertou na mosca ao reduzir a taxa Selic para 16,5%. Quem quiser nadar contra a maré vai perder tempo e dinheiro. A queda das taxas de juros é consistente e está calçada em fundamentos sólidos.